

Relativismo Linguístico: Como a língua pode mudar nossos pensamentosEduardo Nascimento Cardoso¹Profa. Dra. Fernanda Elouise Budag²

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo apresentar e analisar historicamente, cientificamente e socialmente o surgimento e evolução da teoria do relativismo linguístico até os tempos atuais, tendo como base inicial a Hipótese de Sapir-Whorf, que recebeu uma notória atenção na primeira metade do século XX e desenvolveu-se em grandes questionamentos acerca da relação do ser humano com a linguagem. O texto, por meio de uma pesquisa bibliográfica discorre sobre o surgimento do relativismo, suas aplicações, contraposições, mas também, manifesta uma hipótese que dialoga com os fatos, a fim de entender melhor como a língua pode influenciar a cultura e mudar nossos pensamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Relativismo Linguístico; Linguagem; Hipótese Sapir-Whorf; Língua Materna; Filosofia da Linguagem.

INTRODUÇÃO

O debate que norteia a relação entre a língua e o pensamento não é recente e, muito menos, carente de conteúdo. Há muito tempo, esse tema vem sendo estudado por diversos filósofos e pesquisadores, e é alvo de vastas questões e discordâncias. Até hoje, não há uma teoria que responda a todas as dúvidas e que seja amplamente aceita e comprovada. A discussão tomou um rumo diferente na metade do século XX com Edward Sapir (1884–1939) e seu aluno da Universidade de Yale (Connecticut, EUA), Benjamin Lee Whorf (1897–1941); ambos linguistas que tiveram seus nomes posteriormente empregados na criação da Hipótese de Sapir-Whorf, que propõe que as diferenças entre as estruturas de linguagens distintas influenciam a forma como percebemos e conceituamos o mundo (HOIJER, 1954).

¹ Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade Paulus de Comunicação – SP. edu.nascimento.cardoso@gmail.com.

² Professora orientadora: Doutora, Faculdade Paulus de Comunicação – SP. fernanda.budag@gmail.com.

Alcunhada também como Teoria do Relativismo Linguístico, sua concepção influenciou e empolgou uma geração inteira de filósofos, linguistas, psicólogos e antropólogos das décadas de 1930 a 1950. Anteriormente, Wilhelm von Humboldt (1767–1835) já havia argumentado que o homem primeiro teria aprendido a linguagem, e depois, a pensar. Nesta perspectiva, a linguagem determina o homem, e se torna impossível haver pensamento sem a linguagem (GONÇALVES, 2006). Os estudos de Sapir e Whorf contribuíram com essa argumentação e se propuseram a comprovar essa hipótese, especialmente por meio de pesquisas com línguas indígenas da América do Norte.

O princípio da relatividade linguística se desenvolveu e atualmente podemos dividi-lo em duas vertentes: a rígida e a flexível. Na linha rígida da teoria é defendido que sem a linguagem não desenvolvemos pensamentos nem ideias, assemelhando-se a outros animais que possuem uma consciência mais limitada. Deste modo, também pensava de forma parecida Lev Vygotsky (1896 – 1934), cujos estudos abordam a compreensão do homem que se forma quando entra em contato com a sociedade. Segundo ele, caso seja ausente a sociedade, o homem não se torna homem. Desse modo, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem e, sendo assim, a língua tem um papel essencial no aprendizado e desenvolvimento do indivíduo. Para ele, o sujeito não é somente ativo, mas também é interativo, pois absorve o conhecimento das relações interpessoais (VYGOTSKY, 2008).

Na linha flexível da hipótese, ela carrega pressupostos da anterior, afirmando que as palavras que usamos influenciam a forma como pensamos, porém, não de uma maneira tão rigorosa. Como explica o cognitivista Steven Pinker (2002, s.p.), “o fato de não termos uma palavra para descrever um conceito ou um estado mental não nos impede de sentir isso”. Após a década de 1950, a hipótese foi perdendo força no meio acadêmico por conta do surgimento do Cognitivismo, corrente que nasceu como resposta ao Behaviorismo. Ainda assim, a hipótese persiste até os tempos atuais, mesmo desvitalizada.

Neste cenário, a presente pesquisa tem como objetivo aprofundar o entendimento do princípio da relatividade linguística e buscar compreender a relação entre a língua e o pensamento

tendo em vista sua influência ao analisar a construção da subjetividade humana por meio de sua língua materna.

O RELATIVISMO E A BABEL CONTEMPORÂNEA

Edward Sapir foi um antropólogo e linguista alemão que nasceu na cidade de Lauemburgo, no dia 26 de janeiro de 1884. Ficou amplamente conhecido por seus estudos relacionados às línguas ameríndias e por tentar dar ao relativismo cultural uma formulação empiricamente fundada. Em 1889, emigrou para o Estados Unidos, onde foi aluno de Franz Boas (1858 – 1942) e depois lecionou em Chicago, e também em Yale, onde permaneceu até a sua morte.

Em 1921 propôs sua perspectiva de como a linguagem verbal pode influenciar a forma como os indivíduos pensam. Sapir (1980, p.165) afirma que “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama de nossas vidas”. Essa relação é um pressuposto importante para entendermos o que viria a se tornar a hipótese do relativismo linguístico atual, visto que se entende hoje que uma determinada língua natural, isto é, aquela que se desenvolve de maneira orgânica por um grupo de indivíduos, contendo sua própria cultura, pode ter a capacidade de moldar a realidade de seu locutor.

Muito do que Sapir defendia teria como base os estudos de seu mentor, Boas, que dedicou grande parte de sua vida para estudar línguas de grupos tribais norte-americanos, e assim, compreender melhor a relação entre língua e cultura, o desenvolvimento histórico das línguas e o seu vínculo com o pensamento humano. Anteriormente, na filosofia clássica, já havia discussões sobre a linguagem e as palavras, mas foi aproximadamente no ano de 1820, que Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835), estudando as relações da linguagem, fez importantes contribuições para o ramo, influenciando diversos pensadores e iniciando uma nova ciência sobre o assunto. Em seus últimos 15 anos ativos, antes de sua morte, defendeu que a língua seria a mediadora entre o mundo real e o mundo da consciência (MILANI, 2012). Posteriormente, a influência de Humboldt possibilitou que Lev Vigotsky (1896 – 1934), psicólogo russo, desenvolvesse estudos importantes também sobre a linguagem, que, segundo ele, seria uma espécie de ferramenta capaz de transformar o rumo das nossas atividades psicológicas como a memória, a atenção e o pensamento.

Isso significa que, se ao indivíduo apropriar-se de uma língua que está inserida em uma determinada cultura, esta será responsável por ditar a forma como ele percebe o mundo, e caso não aconteça tal apropriação, o sujeito não se desenvolveria como todos os outros humanos inseridos em uma sociedade com uma identidade cultural. Assim, entende-se que a língua e o pensamento sempre estiveram vinculados, uma vez que, caso não possuíssemos uma linguagem organizada, nossos pensamentos também não o seriam (SAPIR, 1954).

Por sua vez, Benjamin Whorf nasceu em 1897 no estado de Massachussets no Estados Unidos da América. Conheceu Sapir em 1928 no *International Congress of Americanists*, mas suas relações foram reforçadas apenas em 1931, quando Whorf se inscreveu no curso de Linguística da Universidade de Yale, no qual Sapir foi seu mentor. Durante uma grande parte de sua vida, Whorf foi engenheiro químico, porém, desenvolveu um apreço por linguística e passou a estudar o hebraico bíblico e, depois, línguas indígenas da mesoamérica; o que lhe rendeu uma bolsa de estudos no México e, depois, seu ingresso em Yale. Um ano antes da morte de Sapir (1939), Whorf foi escolhido como seu substituto enquanto aquele estava afastado por problemas de saúde. De todo modo, Whorf faleceu três anos após sua posse, em 1941, tendo grande parte de seus artigos sendo publicados postumamente.

Através de seu estudo da língua nativa da nação indígena Hopis norte-americana, que está presente no nordeste do estado do Arizona, e posteriormente o seu contato com Sapir, Whorf começou também a defender que línguas distintas geravam uma percepção do mundo diferente para seus falantes.

Desse fato procede aquilo que chamei de “princípio da relatividade linguística”, que significa, informalmente, que usuários de diferentes gramáticas são indicados por elas na direção de diferentes tipos de observações e avaliações do mesmo acontecimento, portanto, não são equivalentes como observadores, como devem chegar a visões de mundo, que são de algum modo, divergentes. (WHORF, 1956, p. 221, tradução nossa³).

³ “From this fact proceeds what I have called the “linguistic relativity principle,” which means, in informal terms, that users of markedly different grammars are pointed by their grammars toward different types of observations and different evaluations of externally similar acts of observation, and hence are not equivalent as observers but must arrive at somewhat different view of the world”

O fato é que Edward Sapir e Benjamin Whorf nunca publicaram um estudo em conjunto que tenha batizado a teoria relativista com seus nomes (Sapir-Whorf), tinham uma relação comum entre professor e discente, na qual Sapir tratava Whorf como todos os seus outros alunos. Algo que poucos sabem é que os seus textos foram agrupados por Harry Hoijer (1904 – 1976), que também era aluno de Sapir, na *Conference on the interrelations of language and other aspects of culture*, que foi realizada em Chicago em 1954 (CUNHA, 2013).

Cunha (2013) relata que a maioria das discussões durante e posteriores à conferência se referiam apenas à “Hipótese de Whorf”, não havendo explicação para a adição do nome de Sapir na tese. Possivelmente, o que teria acontecido é que Hoijer mencionou uma citação famosa acerca do relativismo de seu falecido professor, e ao decorrer do estudo também discutiu as ideias de Whorf que foram publicadas em um artigo de 1941. Por sua vez, uma explicação para a teoria carregar o nome de ambos (Sapir-Whorf) atualmente gira em torno, basicamente, do fato de que a menção a Edward Sapir surgiu como uma homenagem de Hoijer; e essa cunhagem se propagou com o passar do tempo, consagrando a teoria como se fosse um trabalho feito em conjunto por ambos.

Por conseguinte, o princípio do relativismo linguístico, como já foi mencionado anteriormente, propõe que as pessoas pensem, e conseqüentemente, vivam de acordo com a língua que falam, visto que esta é capaz de carregar toda a cultura do local, além de muitos signos específicos, objetos, histórias e conceitos que serão interpretados de maneira específica.

Desse contexto, cabe sublinhar que um conceito básico dos estudos das linguagens é a diferença entre “língua” e “linguagem”. Diferente do inglês, em que ambos os termos podem significar “*language*”, e o órgão que se refere ao paladar denomina-se “*tongue*”, em português, apesar de usarmos no senso comum as duas palavras como sinônimos, “língua” refere-se a um sistema mais complexo, com sintaxe própria e exclusivamente humana; já “linguagem” caracteriza-se a uma comunicação menos desenvolvida, podendo ser, por exemplo, a comunicação primitiva de animais. O erro recorrente na concepção similar entre língua e linguagem pode causar

a exclusão de diversas línguas complexas, como o Tupi, Libras (Língua Brasileira de Sinais), línguas crioulas, etc.

Ademais, há a diferenciação de línguas naturais e artificiais. Nas línguas naturais, o processo ocorre de maneira não premeditada e se desenvolve naturalmente. Já nas artificiais, a sua criação possui um objetivo específico, como, por exemplo, a linguagem computacional, esperanto, ou as criadas para universos ficcionais. As línguas crioulas, por exemplo, são línguas naturais que surgem através de um *pidgen*, uma espécie de dialeto rudimentar que mistura palavras de um idioma europeu do colonizador com palavras do idioma nativo de povos trazidos como escravos. Esse dialeto era usado como comunicação entre os membros dessa comunidade. As crianças, ou seja, as futuras gerações, aprendem o *pidgen* e, naturalmente, adicionam novas palavras e criam novas regras gramaticais, conjunções verbais e outros elementos que caracterizam uma língua; após essa nativização do *pidgen*, ela se torna uma língua real “crioula”, que tem sua etimologia proveniente do verbo “criar”.

Um conceito igualmente importante, capaz de facilitar a compreensão da relatividade linguística é o do signo linguístico. Este apresenta duas divisões: o significante e o significado de uma palavra. O significante é a parte concreta do signo, sua imagem acústica, suas letras e fonemas. Já o significado trata-se do conceito, ou seja, a parte abstrata do signo (SAUSSURE, 2012). Desse modo, é como se a linguagem tivesse uma dimensão simbólica em que seu significado pode ser relativo em determinadas culturas, além da divergência no significante.

Tratando-se exclusivamente do significante, é notável a existência de uma infinidade de palavras de diferentes línguas que representam o mesmo objeto. Pode até haver a ausência de um certo som acústico em uma língua, mas cujo significado em questão é conhecido por um falante de uma outra, o que não é incomum. Por exemplo, a palavra “saudade”, do latim, *solitatem* (solidão), representa o sentimento de falta, recorrente da distância ou ausência de algo ou alguém e, em determinado momento, desenvolveu-se a ideia de que seria uma palavra “intraduzível” por não possuir outros significantes equivalentes. Na realidade, esse conflito deve-se ao fato do significado ser muito abrangente, e ter sido modificado na formação da língua portuguesa, quando nas outras línguas pode atritar com nostalgia, falta de casa, dor, entre outros significados. No

inglês, a expressão “I miss you” é a mais usada para referir-se ao sentimento da ausência de alguém, mas que só pode ser usada nesse contexto. Ainda existem outras palavras, como “yearning” e “longing” que são usadas no contexto de desejar ou ansiar por algo que não é possível no momento, além da expressão “homesick” ou “homesickness”, que, no sentido figurado, significa “doente pela casa”, exclusivamente usado para representar a falta da família em uma cidade natal e da própria residência.

Independente da carência por um único vocábulo que represente todos os casos, como também pode ocorrer em outros exemplos, não significa que a palavra é intraduzível. Ela pode ser encontrada com traduções similares na língua mirandesa, no crioulo cabo-verdiano e no galego, que originalmente, foi o responsável por adaptar a etimologia da palavra para o que conhecemos hoje no português, mostrando como essa palavra é enraizada em terras lusitanas. Do mesmo modo, o fato de não existir uma tradução exata para a palavra, não define que tal povo é incapaz de manifestar o sentimento da saudade por conta da divergência linguística, sendo este um dos grandes pontos contrastantes apresentados por estudiosos da área para conflitar com a teoria do determinismo linguístico, como argumenta Steven Pinker (1994). Afinal, entendia-se que povos que desconheciam certos termos teriam uma visão de mundo diferente ao ponto de se comportarem de maneira dissemelhante.

De fato, declarar erroneamente que uma palavra é única de apenas uma língua é implicar que aquele sentimento seria único de uma só nação. Muitos acadêmicos e até mesmo Pinker em seu livro *O Instinto da Linguagem* (1994), apesar de demonstrar apreço pelos textos de Whorf, critica firmemente suas traduções e afirmações referentes ao relativismo linguístico, principalmente nos estudos da língua Hopi (1994).

Como citado anteriormente, Whorf defende que os falantes de uma determinada língua são *indicados* por ela a terem uma determinada observação. Isto é, ela seria capaz de designar os emissores a uma observação de acordo com a sintaxe existente em questão, sendo atraídos a relacionarem o significante que conhecem com o significado mais próximo, ou vice-versa. Segundo Pinker (1994), “muitas pessoas criativas afirmam que em seus momentos mais inspirados pensam, não com palavras, mas com imagens mentais”. Levando em consideração que pensamos

com imagens e não com palavras, caso fosse ao contrário, o signo linguístico não existiria para falantes que não conhecessem determinado significante. Um estudo amplamente conhecido na área foi conduzido pela psicóloga americana Eleanor Rosch com o povo Dani da Nova-Guiné, que não possuía nomenclaturas para as cores, e as denominava apenas como “claro” ou “escuro”. Ainda assim, durante a pesquisa, esses sujeitos não tiveram dificuldades para reconhecer cores específicas e nem para aprenderem novas nomeações (ROSCH, 1973).

O espectro de luz visível é muito amplo, com cada comprimento de onda associando-se a uma percepção de cor. De fato, há línguas em que essas associações são divergentes, não existindo um consenso global; por isso as cores sempre foram um objeto de estudo propositado para entender melhor até onde o relativismo linguístico poderia chegar. Antes dos estudos de psicologia cognitiva feitos por Rosch, em 1984 os professores Paul Kay, da Universidade da Califórnia, e Willet Kampton, da Universidade do Estado de Michigan, produziram uma pesquisa comparando as percepções de cores entre um tom de verde, até tons de azul claro e azul escuro com falantes do Inglês norte-americano e falantes da língua tarahumara, uma língua uto-asteca que é falada no estado Chihuahua do México (KAY; KAMPTON, 1984).

Durantes as experiências, os autores destacam que os falantes de tarahumara não possuíam palavras distintas para os três tons da amostra, nomeando tanto o verde como os dois tons de azul de *syóname*; enquanto as abrangências lexicais dos falantes de inglês permitiam-lhes nomear e diferenciar as cores verde (*green*) e azul (*blue*).

Se a hipótese dos nomes estiver certa, estavam Sapir e Whorf corretos? A resposta parece depender em grande parte de como se interpreta Sapir e Whorf, já que seus escritos são notórios por estarem sujeitos a múltiplas interpretações. Certamente, se tomarmos o lado rígido de Whorf sobre o determinismo linguístico, apresentado no “fluxo caleidoscópico de impressões” citado na introdução deste artigo, a estratégia de nomes não colabora com esse tipo de Whorfianismo. (KAY; KAMPTON, 1984. p. 75, tradução nossa⁴).

⁴ “If the name hypothesis is right, are Sapir and Whorf supported? The answer would seem to depend to a great extent on how one interprets Sapir and Whorf, and their writings are notorious for being subject to multiple interpretations. Certainly, if we take the radical linguistic determinist

Os autores concluem, através de suas pesquisas, o que eles chamaram, em livre tradução, de “estratégia dos nomes”. Levando em consideração a linha flexível da teoria, os resultados são claros e positivos. Isso porque, nas comparações entre ambos os grupos, a amostra que possuía o espectro de cores entre o verde e azul claro, comparada com a amostra de azul claro ao azul escuro, teve uma percepção de diferença muito maior com os falantes de língua inglesa; enquanto os tarahumaras mantiveram uma mesma média em suas respostas referentes as duas amostras. Já na linha rígida Whorfiana, não há indícios ou comprovações cabíveis que lhe sustentem diretamente, já que fisicamente, se saudáveis, todos observam o espectro de cores da mesma maneira, mesmo podendo não existir diferentes nomenclaturas.

Assim, seria possível que os tarahumaras aprendessem da mesma forma que Rosch ensinou para o povo Dani, acrescentando novas informações e novas palavras à língua. Caso isso fosse evoluído, passado para as crianças, que são as que desenvolveriam a língua ao passar das gerações, esta seria alterada como acontece com os *pidgens*. Como dizia Vygotsky (2008) sobre o processo de aprendizado, as pessoas nascem com todas as condições biológicas de falar e de identificar cores, por exemplo, mas isso só se desenvolverá caso ocorra o contato com a cultura. Por conseguinte, seria possível que o processo de aprendizagem linguístico esteja em constante evolução, assim como a própria língua, possibilitando o acréscimo de novos significantes por pessoas exteriores à cultura, alterando a língua e possibilitando que os falantes em questão possam ampliar sua sintaxe e distinguir entre mais significados e signos linguísticos.

A linguística atual abandonou conceitos behavioristas e pouco se fala das ideias de Whorf sobre o relativismo por conta da descaracterização que ela sofreu com as ideias mais radicais. Noam Chomsky, durante algumas décadas, vêm sendo o atual foco da linguística por conta de sua teoria gerativa de que as línguas dividem entre si diversas características em comum, além de sugerir que a capacidade de produzir e estruturar frases é inata ao ser humano. Ainda assim,

side of Whorf, illustrated in the “kaleidoscopic flux of impressions” passage cited in the introduction to this paper, the name strategy does not support this kind of Whorfianism.”

existem acadêmicos chamados de neo-relativistas ou neo-whorfianos que visam prosseguir e atualizar as ideias de Whorf, tendo como base novos experimentos e amostras científicas.

A linguística é uma ciência que está em constante evolução e aberta a novas constatações como todas as outras. Não há uma teoria geral que explique tudo, como também sempre haverá línguas com suas complexidades e características únicas, indagando novas hipóteses e gerando novas pesquisas.

A Linguística é uma ciência porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (não tem por finalidade prescrever como se deve dizer), mas se quer descritiva e explicativa (tem por objetivo dizer o que a língua é e por que é assim). Assim como um químico não diz que uma reação é certa ou errada, um biólogo não declara que determinada espécie não deveria existir ou que ela é feia. (FIORIN, 2013. p. 37).

Como exemplo, a própria teoria gerativa de Chomsky obteve críticas em uma pesquisa executada pelo americano Daniel Everett. Em um estudo que se iniciou no final da década de 1970 e teve como amostra uma tribo localizada próximo ao Rio Maici, no sul do Amazonas, que fala o idioma pirahã, Everett questionou e desafiou a gramática universal após conviver com aproximadamente 400 indígenas.

No estudo, Everett destacou que a tribo não possuía recursividade gramatical (a habilidade de colocar uma frase dentro de outra) e que muitas vezes eles se comunicavam por assobios durante as caçadas, podendo significar até frases inteiras, sem dizer ao menos uma palavra. Além de não possuírem palavras para cores, a tribo também não denomina números, algo que acreditamos que seja inato.

A explicação apresentada diz que eles simplesmente não precisam dessas palavras, e assim, nem todos os humanos nasceriam com estruturas gramaticais de forma inata, e deste modo, elas seriam aprendidas. O trabalho gerou muitas críticas no ambiente acadêmico, inclusive de Noam Chomsky, que anteriormente, mesmo sem conseguir provar, acreditava que seria possível existir um órgão responsável pela língua, dando o exemplo de como as crianças aprendem suas línguas maternas e como o processo em si acontece.

Não é necessária a anulação de uma hipótese ou de outra porque, em síntese, as línguas podem compartilhar algumas características em comum, mas, de modo geral, estamos falando de uma ferramenta social que ajuda um determinado grupo a resolver problemas de comunicação, facilitando o convívio, e conseqüentemente, a prosperidade de tal comunidade. Não havendo uma intervenção exterior ou a necessidade da constante evolução do idioma e de uma mutação social, as línguas podem manter suas propriedades e direcionar, em determinado grau, como o falante pode se portar perante um outro grupo.

Apesar de partilharem alguns atributos, ainda não possuímos uma única língua mundial, e há discordâncias acerca de uma possível gramática universal. Assumir uma única língua idêntica para todos seria estabelecer a exclusão de outras culturas, religiões e manteria todos como um único grupo homogêneo sem espaço para subversões e avanços. Anteriormente na história já criamos línguas que serviriam como línguas francas internacionais, como foi o esperanto; papel hoje que é ocupado pelo inglês no ocidente, por exemplo. Uma língua franca possui o objetivo de facilitar a comunicação entre grupos, seja por motivos administrativos, diplomáticos ou qualquer outro, tratando-se então de uma segunda língua.

Levando em consideração o fato de cada língua possuir divergências inusitadas, como, por exemplo, o pirahã e o tarahumara, gera-se a dúvida sobre o que acontece quando um outro grupo aprende uma segunda língua e como ele se portará. Sabemos, por meios científicos supracitados, que, biologicamente, nada acontece, e muitos menos, que o falante se adapte ao ponto de confundir-se ou esquecer determinados significados pela ausência de um significante.

Existem casos de crianças selvagens ao redor do mundo onde não ocorre o contato nem o desenvolvimento social e linguístico, fazendo com que elas não sejam capazes de se comunicar, além de enfrentarem outras dificuldades fisiológicas. Normalmente, usando a língua local, pode haver a tentativa de ressocialização e aprendizagem para que a criança possa viver uma vida normal como todos os outros. Nesse cenário, o elemento usará de todas as suas condições biológicas para aprender a falar, aprendendo sintaxes e referências de tal língua, gerando desta maneira, uma forma específica de se comunicar, socializar, e até mesmo pensar, já que, nesses casos, não há ainda o conhecimento de conceitos *a priori*. A linguagem, por evoluir

constantemente, está sempre acompanhando seus falantes, e por isso carrega seus conceitos, tornando-se não apenas uma ferramenta passiva, mas um instrumento social ativo e recíproco, que altera e sofre alterações.

Foi possível observar que falantes de línguas em que não existe uma conjugação de verbos no futuro, como o mandarim, conseguem montar sentenças da mesma maneira independente do tempo verbal, causando mudanças de saúde, investimentos e até vantagens econômicas para o país (CHEN, 2013). O economista Keith Chen relatou que línguas nas quais não há futuro tendem a construir nações que poupam mais dinheiro, evitam fumar, ou até mesmo usar mais métodos contraceptivos por terem uma percepção de futuro diferente de outros. Esses que conseguem conjugar verbos no futuro, possuem a concepção de que ele é mais distinto, pois há ainda o passado e o presente; desse modo, ele parece estar sempre distante, causando uma desmotivação em prol de algo que pode estar anos à frente.

Segundo Chen (2013), falantes de línguas sem o futuro no tempo verbal são 30% mais prováveis de falarem que economizaram dinheiro em qualquer ano comparado aos outros. Desse modo, os países falantes de línguas sem o futuro tendem a estar entre os que mais economizaram renda durante o ano. Além disso, tratando-se de conceitos, a nação judaica corresponde a menos de 1% da população mundial, e, ainda assim, sempre estão nas listas das pessoas mais ricas do mundo, ou até mesmo de grandes ganhadores de prêmios científicos. Há uma correlação muito grande com os ensinamentos de prosperidade judaica que são passados durante séculos até hoje, e cujos conceitos que a nação carrega estão representados no hebraico. Por exemplo, “*keseif*”, que significa dinheiro ou prata, deriva do mesmo verbo de “desejar”, produzindo uma ideia de dinheiro muito diferente, com a qual os ensinamentos da cultura possibilitaram a uberdade da nação.

Tratando-se ainda do hebraico, a cientista cognitiva Lera Boroditsky desenvolveu um estudo comparando-o ao finlandês. Na pesquisa, ela relata que demarcadores de gêneros estão presentes em todo lugar no hebraico, enquanto no finlandês, não existem. Desse modo, as crianças que crescem falando o hebraico aprendem e identificam seus gêneros um ano antes das que falam finlandês. Além disso, as que falam inglês, língua que fica no meio termo, apresentou resultados na metade do tempo (BORODITSKY, 2011).

A língua materna se mostra muito importante no desenvolvimento do falante, não só porque as crianças são as que desenvolvem o idioma, mas porque ele é capaz de carregar conceitos culturais. Isso em linha com a concepção de cultura de Tyler (1920) enquanto “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Desde o início da globalização e com a revolução digital, o contato entre diferentes povos aumentou. Houve mais interações culturais, e, conseqüentemente, linguísticas; promovendo uma miscigenação mais intensa das línguas, podendo ser com acréscimos de palavras de outra origem, ou até mesmo a adaptação, como, por exemplo, a linguagem informal utilizada nas redes sociais, que mesmo sendo considerada incorreta no uso geral, seus significados são partilhados e os usuários a usam.

O ato da evolução, sendo na linguística, ou em qualquer outra área, acontece pela necessidade. As línguas evoluem para resolver problemas de comunicação que seus falantes observam, ou até mesmo para acompanhar o progresso social da população. A língua portuguesa é conhecida por ter a necessidade de especificar o gênero em diversos casos, porém, com o avanço das causas sociais e luta por inclusão, surgiu o recente debate da criação e do uso de uma linguagem neutra (sem determinante de gênero) que promova a diversidade. Mesmo com muitas críticas, é evidente que enquanto não houver uma adesão total dos falantes, haverá a criação de uma nova forma de preconceito linguístico, o qual, segundo Bagno (2015), é todo juízo de valor negativo às variedades linguísticas de menor prestígio social. Gerando, assim, uma exclusão progressiva de seus adeptos, enquanto possivelmente poderia trazer mudanças significativas, tais como os resultados apresentados na pesquisa de Boroditsky.

Uma língua límpida, aquela em que não houve alterações externas ou que não houve a necessidade de mais mudanças e adaptações, como a pirahã, sempre apresentará traços mais marcantes de sua sociedade, mas justamente por conta de seus falantes possuírem uma realidade muito divergente da nossa. Ainda assim, sendo dessa forma, ou em uma língua miscigenada com um grande número de falantes, ambas são capazes de carregar referências comportamentais baseadas na cultura.

Tais conceitos são únicos e expressos na linguagem porque ela é uma síntese de todos esses componentes presentes na sociedade. Quando nascemos precisamos do contato verbal ou não-verbal presente na língua para nos desenvolvermos, gerando uma grande importância para a língua materna, pois será ela, somada ao cenário do local, que indicará maneiras de comportamentos. Desse modo, o ato de adquirir uma segunda língua expõe o falante a uma nova cultura a qual carrega todos os preceitos construídos por seus nativos durante séculos.

Ao adquirir uma segunda língua, fica evidente as diferenças de sintaxe, mas também as culturais. E ao executá-la, o falante pode notar novos conceitos sociais e reproduzi-los tal como os nativos. Seja isso conceitos de gênero como nos exemplos citados anteriormente, noções de tempo ou práticas daquele grupo. Além disso, por conta de uma língua não ser um padrão exato para todos os grupos de uma nação, a linguagem informal, gírias, dialetos e contextos podem ser únicos, podendo ser passados e reproduzidos por um falante que tenha aprendido a segunda língua naquele meio, ditando um comportamento que, para ele, é natural, mas que por terceiros daquele mesmo ambiente pode causar estranheza.

Portanto, por conta da língua ser uma ferramenta que altera e sofre alterações, seria ela não só responsável por mudar, de certa maneira, nossos pensamentos, mas também, nossa sociedade, pois ambos estão, conjuntamente, em constante evolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relativismo linguístico se mostra como um importante meio de adaptação da língua no contexto flexível da teoria, na qual a linguagem existe como uma ferramenta cultural versátil, podendo mostrar mudanças de comportamento em grandes escalas de acordo com a sintaxe vigente do local e suas necessidades sociais. Em contraste, não há evidências que comprovem a existência de causalidades e acontecimentos históricos ou científicos que proporcionem mudanças rígidas em um único ser.

Entretanto, é de importante observação o quanto mudanças linguísticas e o ato de aprender outra língua pode ocasionar na maneira de agir de um grupo, visto que a língua tem como lastro a

cultura do local e sua sociedade. Ambas, sociedade e língua, evoluem em conjunto, e as alterações, quando não causadas por terceiros, como ocorria antigamente com países colonizados, normalmente acontece só quando necessário, uma vez que a comunicação tem como objetivo básico e ancestral manter o grupo e suas instâncias.

A linguística possui um histórico extenso, e como a língua se mostra como a principal e o primeiro contato com outros grupos, está em constante mutação. Por certo, todas as contribuições que foram feitas desde a filosofia clássica até os tempos atuais mostram-se de extrema proeminência e de uma notável importância para a humanidade. Atualmente, podemos notar características específicas que moldam uma nação, e naturalmente, indicam aos falantes comportamentos que o grupo inteiro segue e replica. De certo, tais comportamentos são passados e mantidos através da língua, seja de maneira verbal ou não verbal, estando eles presentes no cotidiano, e sendo expressos em todas as manifestações humanas.

Portanto, é improvável que a consciência individual se descaracterize drasticamente ao mudar a língua falada, mas, de todo modo, quando o indivíduo entra em contato com outra linguagem, estará absorvendo e aprendendo diversas características únicas que estão presentes ali, podendo assim, replicá-las, mas por certo, não tão bem quanto a sua própria conduta proveniente de sua língua materna. Certamente isso ocorreria apenas caso houvesse a comutação com o instrumento, e como estamos fazendo isso inconscientemente com nossas próprias línguas, seguramente, tanto nossos pensamentos como nossa sociedade, estão sincronicamente em constante mudança e evolução.

REFERÊNCIAS

HOIJER, Harry. *Language in culture; conference on the interrelations of language and other aspects of culture*. University of Chicago Press, 1954.

GOLÇALVES, Rodrigo T. **Humboldt e o Relativismo Linguístico**. Universidade Federal do Paraná, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAPIR, Edward. **A Linguagem: Introdução ao estudo da fala**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1954.

MILANI, S. E. **Historiografia Linguística de Wilhelm von Humboldt: Conceitos e Métodos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

Whorf, B. L. **Language, thought, and reality: selected writings (Edited by John B. Carroll)**. Technology Press of MIT, 1956.

CUNHA, Adan Phelipe. **A emergência da hipótese do Relativismo Linguístico em Edward Sapir (1884-1939)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PINKER, Steven. **O Instinto da Linguagem: Como a mente cria a linguagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
ROSCH, E. H. **Natural Categories, Cognitive Psychology, Volume 4, Issue 3**. University of California at Berkeley, 1973.

Kay, P., & Kempton, W. **What is the Sapir-Whorf hypothesis?** American Anthropologist, 1984.

FIORIN, J. L. **Linguística? Que é isso?** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas Sintáticas**. 1. ed. Petropóles: Vozes, 2018.

EVERETT, Daniel L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CHEN, M. K. **The Effect of Language on Economic Behavior: Evidence from Savings Rates, Health Behaviors, and Retirement Assets**. American Economic Review, 2013.

BORODITSKY, Lera. **How Language Shapes Thought**. Scientific American, vol. 304, no. 2, 2011.

TYLER, Edward B. **Primitive Culture**. 6. ed. Londres, 1920.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.